

MEMÓRIAS DE TURMEIROS: FAMÍLIA E TRABALHO NA ESTRADA DE FERRO GOIÁS

MEMORIES OF TURMEIROS: FAMILY AND WORK IN RAILROAD GOIÁS

Paulo Cesar Inácio¹

Resumo:

Este texto socializa parte de uma pesquisa realizada durante o mestrado. Na pesquisa, produzimos entrevistas com trabalhadores e suas esposas. As entrevistas apontaram um campo de memórias que, divergindo do papel modernizador da empresa, expressa um ressentimento nas condições vividas no passado e no presente. Nas entrevistas produzidas com as esposas evidenciamos uma especificidade da relação trabalho e cotidiano familiar. Referenciados em alguns autores, como Edward Palmer Thompson, Raymond Williams e Yara Ahun Khoury, avançamos na identificação desses campos de memórias especificadas, para além de uma condição de gênero,

firmadas no próprio forjar das condições postas no trabalho e na vida.

Palavras-chave: memórias, turmeiras, trabalho ferroviário.

Abstract:

This text is part of a survey conducted during the Masters. In research, we produce interviews with workers and their wives. The interviews showed a field of memories, unlike of the paper of modernizing the company, expressed resentment in the conditions lived in the past and present. In interviews with the wives, we evidenced specificity of the relationship between work and family routine. Referenced in

¹ Professor Adjunto II – Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. E-mail: paulocesarinacio@uol.com.br

some authors, they are: Edward Palmer Thompson, Raymond Williams and Ahun Yara Khoury, we moved forward in identifying those fields of specified

Este texto socializa parte da pesquisa que resultou na nossa dissertação de mestrado (INÁCIO, 2003). Na investigação, indagamos o campo de memórias que se organiza, como elas se formam e se enraízam nas experiências de uma categoria específica de trabalhador ferroviário, identificado como turmeiro. As entrevistas identificaram memórias que se formaram em elaborações dos enfrentamentos que experimentaram na empresa, quanto nas condições sociais e vivências na família.

O turmeiro era responsável pela manutenção das condições de tráfego ferroviário. Eram atribuições que demandavam a troca de dormentes, limpeza e conservação das margens dos trilhos. Formava, ainda, o contingente de apoio e de restauração das condições de tráfego, quando ocorriam acidentes.

Por formarem o grupo que intervinha em condições de emergência, eram distribuídos às margens da ferrovia, em distâncias que variavam de cinco a dez quilômetros, organizados em turmas, que variam de

memories, beyond a gender condition, signed on the same terms of conditions placed on work and life.

Key-words: memories, turmeiras, rail work.

quatro a oito famílias, morando em casas fornecidas pela Estrada de Ferro Goiás. As turmas possuíam uma organização que ia dos trabalhadores subordinados diretamente aos feitores, que também moravam nas turmas, que por vez, obedeciam ao mestre de linha, responsável por um número de turmas, mas que morava na cidade.

Parte destes trabalhadores e suas esposas atualmente residem nas cidades de Goiandira e Catalão. No confronto entre passado e presente, ao construir as entrevistas, emergiu no campo das memórias um grande ressentimento contra a empresa, onde imputam as péssimas condições de trabalho e de vida e também ao baixo salário que hoje recebem como aposentados.

O ofício dos turmeiros era o mais precarizado da Estrada de Ferro Goiás, além do trabalho degradante possivelmente até o início da década de cinquenta² não

² No início da década de cinquenta assume a direção da empresa Mauro Borges Teixeira, filho do governador Pedro Ludovico que implementa algumas ações voltadas para os turmeiros.

foi alvo de nenhuma política específica da empresa. Uma das condições específicas do trabalho é o fato de morarem com suas famílias, nas margens dos trilhos, até meados dos anos setenta³. Essa condição incluía a família nas tensões produzidas cotidianamente pelo trabalho.

O Senhor José Francisco se lembra das casas de turma, de suas péssimas condições de habitação e de como a empresa estabelecia uma hierarquia entre os trabalhadores demarcada pela distribuição das casas: “Tudo era turma, agora a turma era assim, casa boa só a do feitor, casa dos trabalhadores chamava cafua, parede de dormente coberta com folha de zinco”⁴.

Ao expressar nas condições difíceis do trabalho ferroviário, e as implicações do morar no espaço da empresa com a família, o Sr. José Francisco explicita uma especificidade desse trabalho, onde o entrelaçar trabalho, família e empresa formam o campo de forças que pressionou, em espaços distintos, esses trabalhadores e indica os contornos das memórias que forjam.

Havendo entrevistado inicialmente homens, suas falas ao trazerem para a órbita do trabalho na empresa,

a vida familiar, aguçamos nossa preocupação em recompor parte dessa experiência com as mulheres que, embora não tendo trabalhado formalmente na ferrovia, indicam, nas suas atribuições domésticas, elementos que impactaram as relações de trabalho.

Dona Irani recompõe suas lembranças, do morar nas turmas, evidenciando as dificuldades da vida familiar e, principalmente, de suas atribuições de esposa e mãe nessa proximidade com o trabalho do marido na empresa, ao afirmar:

Foi um sofrimento prá mim e pro Sebastião porque eu não trabalhava na estrada, mas trabalhava prá ele né. Eu tinha que dá conta do almoço, levantava cedim o café prá ele pegá sete hora no serviço. Nove hora em ponto o boieiro tava na porta prá pegar o cardeirão, prontim do almoço. Tinha que tá pronto, com menino pequeno sem empregada. E depois ele chegava de tardezinha cansado, não tinha nem tempo de ajudá eu a olhar os menino. De noite os menino chorava com dor de barriga ele tinha vez que nem segurava os menino prá eu fazê um chá prá eles tomar. Os menino dava

³ Nesse período as turmas começam a ser desativadas e os turmeiros transferidos para as cidades.

⁴ Entrevista realizada com o Sr. José Francisco Inácio em 06/08/2001.

catapora, dava sarampo, aquelas buraqueira passá encima dos buraco dos dormente prá í prá rua.⁵

A construção e interpretação de entrevistas como as de Dona Irani coloca em evidência, em um mesmo campo social do trabalho na empresa, condições familiares pressionadas, como: o cuidado da casa, o horário do almoço, o cuidado com os filhos. Na fala dos trabalhadores os contornos da memória se formam na relação com os feitores, mestres-de-linha, pouca assistência da empresa, condições ruins de trabalho. A memória das mulheres, diante de um mesmo campo de trabalho e vida, recompõe a dureza do cuidado com os afazeres domésticos e a criação dos filhos.

A recordação do período do trabalho na ferrovia forma o campo de lembranças a partir do tensionamento com a família: dificuldades na gravidez, o ajustar as tarefas domésticas com o horário da empresa, fazer o almoço para ser levado para o marido no trecho da ferrovia, as dificuldades do cuidado com os filhos no momento em que o marido está no serviço da empresa.

Ao imputar dificuldades à condição familiar, a esposa sugere que a saída do trabalho nas fazendas

para a ferrovia, levou a uma piora significativa da mesma. Enquanto a escolha e permanência do marido como agregado em fazendas levava em conta uma rede de solidariedade e relações familiares, a ida para o trabalho ferroviário quebra essas possibilidades. Nesse sentido, é exemplar o depoimento de Dona Irani ao recordar que, antes da entrada na ferrovia, morava com a família em Veríssimo, povoado de Goiandira, quando nasce a filha: “Eu fiquei na casa da minha mãe lá em Veríssimo (pausa) aí depois nós foi prá Baduíno (estação onde ficava uma turma) lá eu fui guardá resguardo, na casa dos outros.”⁶

A rede de solidariedade que permitia auxílios oriundos da relação familiar, experimentada no trabalho nas fazendas, foi quebrada no deslocamento para o trabalho na ferrovia.

A produção e a interpretação das entrevistas exercitou a compreensão dessas memórias, partindo de relatos individuais passamos a lidar com a história oral, não como possibilidade de constituir a história, mas propriamente memória como história.

⁵ Entrevista realizada com a Sra. Irani Margarida Dias em 20/07/2002.

⁶ Entrevista realizada com a Sra. Irani Margarida Dias em 20/07/2002.

Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar de onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. (PORTELLI, 2000, p. 69).

Essa compreensão de memória enquanto produção de significados permite identificar como se forjam mecanismos de pressão diversos, quebrando a rigidez com que as memórias têm sido enclausuradas em fatos modernizadores.

No início da pesquisa, buscamos uma compreensão que tensionava empresa e trabalhadores enquanto campos dicotômicos de forças que, dualizados, permitiriam inscrever duas memórias como as únicas possíveis: a da empresa e a dos trabalhadores. A incorporação de novas evidências sinalizou para outras possibilidades, que nos levaram a rever os procedimentos teóricos e metodológicos.

Estrada de Ferro Goiás indica uma complexidade de espaço social e político de trabalho. A empresa tinha, na sua estrutura, elementos que indicavam políticas diferenciadas para os diversos setores, destacando políticas que executam para os que trabalham na sede em Araguari e os que estão localizados em Goiás.

Na sua sede em Araguari, estado de Minas Gerais, estava instalada a elite do trabalho na empresa, Diretor, chefias, área de educação para famílias ferroviárias, atendimento médico, setor das oficinas para reparo das máquinas. Em Goiás, apesar de ser o Estado com a maior parte do trajeto da empresa, não havia política específica de atendimento ao trabalhador.

Cargos disponíveis e considerados nobres na empresa, em Goiás, eram: chefes de estação, maquinistas, e outros dotados de algum poder como: responsáveis por mercadorias, fretes.

Esse distanciamento da empresa em relação à sede indicou em Goiás, possivelmente, uma maneira em que a empresa, nas atividades do dia a dia, fosse marcada fortemente com a clivagem e influência de elites locais na indicação de trabalhadores para algumas áreas.

A entrevista produzida com o Sr. José Francisco apresenta indícios de atos de corrupção, que envolviam funcionários da empresa e fazendeiros.

O que mais tinha (desvios), isso é que quebro a estrada, vou te explicar eles fazia uma pia de lenha, emparelhada com outra, duas pia de lenha, emparelhada uma com outra, duas pia de lenha o mercado chegava lá chapava aqui e outro lá, pro dono da lenha passava uns dez ou quinze dias aí o fazendeiro já tava tudo de acordo com maquinista e o chefe da estação, o fazendeiro ia lá ou pagava um prá ir e no rumo que tava aquela marca ele desmanchava e virava ele prá lá pra outro lado, o marcado vinha, marcava de novo.⁷

O relato do Sr. José Francisco elege, no acontecimento, tanto os “desvios” que ocorriam na empresa, quanto o ressentimento dos trabalhadores braçais em relação às condições desiguais de disputas por outros cargos pleiteados pelas elites locais.

Além do distanciamento físico da sede, havia desprezo e preconceito contra os trabalhadores conhecidos como tatus. De um primeiro movimento, pauta-

do em identificar de um lado, a memória da empresa, afirmada como modernizadora e, de outro lado, dos trabalhadores, observou-se que da experiência social e política dos mesmos emergiam formas divergentes de interpretar o trabalho na empresa.

Essa pluralidade, pautada na experiência do trabalho, foi testada quando aguçamos a perspectiva de identificar esse campo de forças, a partir do relato das mulheres de trabalhadores braçais. Em suas memórias, a tensão com a empresa surgia no trabalho em casa.

Ao buscar identificar, nas entrevistas com as mulheres, diferentes olhares sobre o trabalho na empresa atentamos por não minimizá-lo a uma condição posta pelo Gênero,⁸ mas indagar como essa condição, confrontada com limites e pressões, sugeria formas alternativas de ocupações de espaços políticos. Nesse aspecto, o papel ocupado na família e no lar foi tensionado pelas vivências experimentadas numa estreita relação com a empresa.

Ao indicar os contornos da ação das mulheres buscamos evitar uma condição que as tirasse da história. Concordando com DIAS, quando afirma que:

⁷ Entrevista realizada com o Sr. José Francisco Inácio em 06/08/2001.

⁸

O Pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história. A reconstrução dos papéis sociais femininos, como mediações que possibilitem a sua integração na globalidade do processo histórico de seu tempo, parece um modo promissor de lutar contra o plano dos mitos, normas e estereótipos. O seu modo peculiar de inserção no processo social pode ser captado através da reconstrução global das relações sociais como um todo. (DIAS, 1984, p. 07).

Esse aspecto pode ser percebido na entrevista com Dona Irani, esposa do Sr. Sebastião Henrique Dias, trabalhador da empresa. Ao interpretar a vida da família na empresa atualizando-a, lembra a homenagem recebida pelo esposo por ocasião da aposentadoria, recompõe um significado em que pauta, uma vida de trabalho não atada à empresa, sem a relação salarial e ignorada na homenagem:

Ma a vida da gente foi sofrida. Quando o Sebastião aposentô eles escreveram um negócio a aposentado-

ria, prá podê falá na missa. Não sei se eles ainda tem essa carta. O tanto que uma pessoa sofre, o Sebastião ainda falou lá na frente, não foi só ele que sofreu não, porque a mulher também sofre, o homem sofre no serviço, mas a mulher sofre em casa com os filhos. (...) parece que a mulher não trabalhava, parece que a mulher não tinha valor. Agora a mulher tá passando na frente dos homens, não tá?. (...) Eu trabalhei tanto, até hoje, eu não tenho salário, só o Sebastião é que recebe começou a pagar o INPS prá mim tem pouco tempo, já até parou, não paga.⁹

Sua fala produz a interpretação de que passado e presente estão alinhados nas atividades que realizou na empresa, demonstrando que se ressentido do não reconhecimento por essas atividades. A experiência do trabalho doméstico estava ligada às atividades na empresa no passado, porém dialoga com as pressões que experimenta no presente: dependência do salário do esposo, reconhecimento, por parte da Igreja, apenas deste como trabalhador.

Outro elemento destacado pelas entrevistadas é a dificuldade de, morando nas turmas, conviver com

⁹ Entrevista realizada com Irani Margarida Dias, em 20/07/2000, em Goiandira.

as brigas envolvendo os filhos dos turmeiros. Uma briga entre filhos de turmeiros poderia levar a um conflito em que a intervenção do feitor era necessária para resolvê-lo.

A relação de trabalho e a vida em família, em diversas ocasiões, entrecruzavam-se. Dona Iolanda, esposa do Sr. Idunalvo, que trabalhou e se aposentou como trabalhador braçal, da estrada de Ferro Goiás, em uma parte da entrevista, narra como uma briga entre seu filho e o filho do feitor tensionou a relação de trabalho.

Minha casa era a casa mais próxima da casa do feitor, como ele tinha o Moadir (filho) era quase de uma idade só como esses era levado como os menino de hoje, jogava pedra na casa da gente, então a gente foi, como eles era feitor era maior que todo mundo, né? A gente foi implicar, implico, (a esposa do feitor). Então nós discutiu, nós discutiu um dia quando passou dois, três dias eles mudaram prá cidade. Porque eu era mais pobre não que os meus filhos fosse mais ruim né?¹⁰

¹⁰ Entrevista realizada com Iolanda Tristão Barbosa, em 17/12/2002, em Goiandira-Go.

No episódio que relata, ao constatar que há meninos jogando pedra em sua casa, primeiro culpa o filho da entrevistada, que passa a alegar que quem está atirando é o filho do feitor, o que acarreta a discussão entre as famílias e acaba por causar a mudança do feitor para a cidade de Goiandira.

Outra atribuição que as mulheres que moravam nas turmas assumiam era o zelo pelo aspecto moral das casas de turma. Dona Iolanda relata como, juntamente com outras mulheres, precisou intervir para impedir que um trabalhador solteiro levasse mulher para a turma:

Tinha o José¹¹ gostava às vezes de arrumar mulher aqui fora de hora mas chegava num dia nós punha pra correr no outro (risos). Porque ele era solteiro, nós falava vai prá cidade aqui nós não aceita não. Os outros tudo casado, nós mesmo as mulheres punha ela prá correr. Não sabia de onde vinha essa mulher. Ele fazia a comida dele de madrugada deixava encima da chapa, boieiro abria a porta e pegava ele vinha prá cidade ficava até de madrugada, depois ia mas nunca matou serviço não. Nós chegava e falava Cê tem que

¹¹ Nome fictício para proteger a identidade do morador de Goiandira.

levar ela embora daqui, se você for casado tudo bem, mas tirá uma mulher do meio numa casa e trazer ela pro meio de nós aí não.¹²

Dona Iolanda descreve como exigiu que as outras mulheres se organizassem para expulsar da turma uma mulher que um trabalhador, sem ser casado, levou para lá. Esse aspecto indica que, em algumas ocasiões, as mulheres assumiam a responsabilidade pelo zelo moral do local de trabalho.

Fui influenciado metodologicamente pelo trabalho de THOMPSON. Em seu trabalho, este se recusa a buscar um padrão médio de vida dos trabalhadores, em meados do século XIX, na Inglaterra, tentando perceber várias mudanças, como eles as sentiam e as enfrentavam cotidianamente, a partir dos costumes que possuíam.

As memórias produzidas pelas mulheres dos trabalhadores, embora individualizadas em cada experiência, podem ser identificadas como um aspecto de disputa política.

Atentos à forma como elas descrevem suas vidas nas turmas, identificamos não apenas um significado

do passado, mas uma intervenção que se procede nos sentidos que atribuem, de onde emergem e se organizam os acontecimentos.

Nesse caminho, recompor parte dessas experiências foi avançar no processo de

Indagar sobre o significado e implicações de retomar a luta de classes não só como categoria de análise, mas como perspectiva política e a correlata necessidade de pensá-la como um lugar que dê conta de juntar ou articular academia e vida social. Assumir essa compreensão da luta de classes pode indicar a necessidade de, no interior da tradição marxista, retomar a nossa trajetória de enfrentamento do leninismo e da ortodoxia; de redefinir nossa noção de imperialismo que, por vezes, parece haveremos jogado fora, de reavaliar o uso concomitante ou sucessivo de vários termos para traduzir contradição, tensão, conflito, como, por exemplo, classe, luta de classes, resistência, vencidos, excluídos; de reavaliar o deslocamento de significados produzidos ao nomearmos os sujeitos “operários” ou “trabalhadores”. Desafio maior e mais atual parece ser o de avançar na superação das dificuldades colocadas para os projetos das esquerdas após a queda

¹² Idem.

do socialismo real, do muro de Berlim e das transformações efetuadas pelo neo-liberalismo nos modos de produção e reprodução do capitalismo contemporâneo. (CRUZ, PEIXOTO, KOURY, 2006, p. 17/18).

Nos depoimentos das pessoas que moraram em casas de turma é possível perceber como constroem, no lembrar, uma oposição entre a vida nas fazendas – anterior à entrada no ritmo de vida da Estrada de Ferro Goiás – e a vida nessas casas de turma. A partir das entrevistas dos trabalhadores da Estrada de Ferro Goiás, compõe-se um sentido de família que destoa, em vários aspectos, do que se experimentava no período anterior.

Consideramos como elemento relevante o sentimento de perda que envolve a ida para as casas de turma e o sentido construído de ser turmeiro, após os anos cinquenta. Isso envolve a recusa por parte dos trabalhadores, sob a influência dos familiares, de permanecer nas casas de turma. Outra estratégia traçada pela empresa como resultado desse foco de tensões foi a transferência dos trabalhadores para as cidades, no início dos anos setenta.

Nos relatos dois campos de recordações se afunilam: percebe-se, de modo geral, como a vida no cam-

po era vista como um período de fartura e de “boas condições de vida”, enquanto o trabalho nas turmas é lembrado como negador das condições positivas anteriores, vividas no trabalho nas fazendas. Alguns significados dados ao viver no campo parecem ter sido construídos no período da moradia nas casas de turma, emergindo um sentido de transformação de um modo de viver em que, a partir das condições de trabalho, eram percebidos alguns valores, como o horário, o plantio, a colheita, o sentido da produção.

Nas entrevistas feitas com Dona Guimar e Dona Irani, pode-se perceber que, para as mulheres, o tempo cronológico estava relacionado a momentos como o fazer a comida para que o boieiro a levasse para os locais onde os maridos estavam trabalhando. O momento da gravidez ou do nascimento dos filhos, ou quando passava a “cooperativa”, onde podiam fazer as compras para passar o mês, também faziam parte dessa noção de tempo.

Esse relembrar fixa para esses agentes, mesmo que de forma difusa, os momentos de risco a que estavam expostos e uma “redefinição” de “padrões de vivências” a que tinham de se submeter. Nesse sentido, a alimentação da família ia sendo retirada do trabalho familiar e adquiria uma nova forma: o comprar

as mercadorias no armazém. Além da dedicação aos filhos. Para as mulheres ia sendo definido um tempo necessário para o cuidado destes, o que passa, de forma crescente, a ser entendido como elemento definidor do que era ser uma boa mãe.

A maneira como Dona Irani recorda as etapas de trabalho dos maridos nas fazendas, nas turmas e depois na cidade é diretamente relacionada ao tempo em que passava com os filhos.

Consideramos que, nas maneiras de lembrar, estejam colocadas formas de pressão e inserção em um novo mercado local, de onde esses trabalhadores precisavam tirar alimentos para a subsistência. Além de uma nova maneira de suprimento das necessidades da família, as mulheres e crianças passaram a ser submetidas a algumas formas de controle de ações, surgindo a necessidade de disciplinar suas atividades.

Durante a gravidez, estando em casas de turma, de forma relativa, distante da família, surgiam novas preocupações em relação ao estar grávida. A cidade emerge como um novo caminho que distanciava as famílias das formas tradicionais e sociais de dar à luz.

Ao relembrares algumas experiências que tiveram no viverem nas turmas, os trabalhadores incor-

poram elementos que passam a experimentar nas vivências na cidade. Como moradores desta, demarcam diferenciações entre o que seria viver no campo e na cidade.

Via memória, ligam as vivências nas fazendas e nas turmas com algumas referências comuns. O cuidado com os filhos foi se tornando uma atividade crescente das mulheres, preocupação também dos homens e, aos poucos, um critério manipulado socialmente e que passou a especificar uma boa mulher.

Ao ser perguntada sobre o cotidiano nas turmas, Dona Guimar menciona tanto o horário do trabalho, quanto o cuidado com os filhos:

Os horário de fazê na turma era apertado, se desse oito horas o caldeirão não tivesse pronto o boieiro falava “A Bóia”, a gente ficava quase doido. O boieiro esperava, tinha dia que não esperava ia embora. O Gaspar saía quando o Zé era novinho, ele chorava com uma dor tinha o intestino preso, o Zé não, o Carlim, ele saía e falava assim se não der prá você fazer comida cê faz feijão aí, frita um ovo qualquer jeito não vai esquentá, não vai judiar com ele não, porque todo vida Paulim ele foi um marido e tanto. É ajudô a criá assim eu

fui desmamá o Zé, ele olhava ele a noite inteira. Às vezes quando ele bebia, ele ficava nervoso, mas era a pinga né, depois ele arrepentia, cê lembra quando ele bebia. Mas toda vida ele foi um pai excelente, gostava de fartura dentro de casa Graças a Deus, nunca pasei falta de nada (pausa) Ele era trabalhado, ele trabaiava mesmo.¹³

Percebo que, no caso dos moradores de turma entrevistados por mim, a passagem do trabalho das fazendas para a moradia nas turmas significou algumas perdas, com as quais tiveram que conviver ou criaram estratégias para que pudessem resistir a elas.

Ao ser entrevistada e questionada sobre os trabalhos que já tinha feito na vida, Dona Guimar se lembra primeiro do trabalhar na fazenda, do sentido da convivência com a família:

(...) a gente morando com o pai e a mãe toda vida, trabalhando, ajudando a trabalhar, ia até na roça. Eu levava comida na roça, tinha que i de cavalo levá comida. Meus pais punha eu vigiá arroz pros passarim não rancá. Hora de plantar arroz, ele punha a gente

tampá as cova de trem, panhá algodão mexê com ma-mona, tudo isso eu trabalhei, quando eu tinha doze, treze anos por aí.¹⁴

Ao lembrar, ela atribui um sentido permeado por valores que estariam presentes naquele tipo de trabalho, que fez como moradora na Fazenda Cachoeira, município de Goiandira, onde seus familiares tinham relações de agregação com o proprietário.

Em suas recordações, imprime à vida no campo valores do presente. Naquela vida, um primeiro elemento é o trabalhar “*morando com o pai e a mãe toda vida*”. O estar sempre próxima de familiares em um trabalho que, na sua execução, não exigia que fossem dissociados o mundo do trabalho e a vida em família. Em sua fala, a percepção de família não se prende apenas ao núcleo marido, esposa e filhos, mas também aos irmãos, ao pai e à mãe.

A organização do trabalho era feita pelo pai, que estipulava as tarefas, como: “*hora de plantar arroz, ele punha a gente tampá as covas*”. Além da proximidade da família, as tarefas a serem executadas eram simples, de conhecimento mesmo de alguém que ainda estivesse na infância.

¹³ Entrevista realizada com Dona Guimar Calixto Raimundo, em 20/07/2002, Goiandira-GO.

¹⁴ Idem.

A entrevistada imputa àquele tempo um sentido de proximidade com a família; o trabalhar era entendido como ajuda mútua, atividade ligada à família, estando ausentes rigor e disciplina para sua execução. Na recordação, sobressai um sentido do trabalho em que não há diferenciação para o resultado. A divisão das atividades que eram incumbidas ao pai, ao filho, à esposa e à filha era dada de acordo com o porte físico, elas não eram hierarquizadas no sentido dado à própria produção.

Na entrevista, Dona Guimar não sente necessidade de falar da ausência de um ganho salarial para a atividade desenvolvida. Produção e consumo eram revestidos de um sentido de abastecimento da família. Nessa atividade, a mediação do ganho financeiro necessário e exigido para sua execução não aparece como marcante para o trabalho.

A produção para o consumo era feita em um ambiente familiar: plantação de arroz, feijão, milho, a criação de animais. Havia ainda outros trabalhos, como o cultivo de algodão e mamona. O primeiro, para a produção de roupa. Já o segundo, era necessário para a produção do óleo que era queimado nas “candeias”. Alimentação, vestuário e combustível para iluminação eram produzidos em casa.

A vida na fazenda é organizada pela memória da entrevista como dotada de um sentido lúdico, em que não aparecem as pressões costumeiras a que deveriam estar submetidos na condição de agregados: “*colhia muito mantimento, tinha uma cuia muito grande, então enchia de arroz, de feijão, trabalhava muito, mais tinha fartura*”. A ideia de fartura é revestida de um sentido simbólico, da alegria que sentia ao estar perto da família e da percepção de um sentido de trabalhar, em que todas as exigências imediatas, moradia, vestuário e alimentação satisfaziam a família. A idealização de um local de trabalho, costumeiramente entendido como espaço de grandes pressões, que os trabalhadores sofriam por parte dos fazendeiros ou coronéis, parece fazer sentido quando entendida, em um momento, em que, padrões costumeiros de vida em família e trabalho começam a ser dissociados.

No mesmo diálogo, a entrevistada sente a necessidade de situar um momento importante de sua vida: o dia em que conheceu Gaspar, seu esposo: “*Nóis encontrou num baile (riso) lá na Dona Tereza, lá nós começemo a namorar e foi até que casô (riso). Prá minha mãe foi um trem mais bom, minha mãe gostava*

dele demais, adorava ele”¹⁵. O baile realizado em uma fazenda, situada na região onde morava, propiciou que eles se conhecessem. A aprovação de seu namoro pela mãe era importante para ela, naquela época.

Outro sentido do trabalho no campo era o de morar por um longo tempo em uma mesma casa, com a família: “*era agregado, morou lá muitos anos, não sei falar quantos anos, mas lá nasci, criei e saí casada. Nunca mudei de casa*”. O fixar residência por muitos anos, em uma propriedade, aponta algo revelador em outras entrevistas, o valor do trabalhador.

Na vida nas fazendas, a mudança constante de uma fazenda para outra era o recurso usado para fugir de um fazendeiro mau, mas por outro lado, poderia significar que o trabalhador não desempenhava bem suas funções. Dessa forma, sua reputação poderia ser atingida. Um trabalhador que mudasse constantemente de fazenda poderia ser interpretado como alguém que se incompatibilizava, pelas suas próprias deficiências, com o trabalho, eximindo da culpa o proprietário.

Dona Guimar recorda que morou por muitos anos na mesma fazenda e só saiu de lá casada, assim apresenta a trajetória da família trabalhadora, que

mantinha sua dignidade e cumpria os contratos de agregação, mostrando o caminho de uma moça “de família”: sair casada da casa onde residia com os pais.

Demos continuidade às indagações contidas nesta pesquisa pensando em que medida a saída das famílias das fazendas e sua ida para as casas de turma expressavam, não apenas o desfazer de grupos familiares, mas o refazer do trabalho e da vida, uma vez que, sofriam diversas pressões nessa trajetória.

No decorrer de nossas indagações, temos atentado para como o reconstruir das cidades do sudeste goiano, no início da segunda metade do século XX, traz as marcas desse processo.

REFERÊNCIAS

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984, 198 pp.

INÁCIO, Paulo Cesar. *Trabalho, Ferrovia e Memória: a experiência de turmeiro no trabalho ferroviário*. Dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em história, Universidade Federal de Uberlândia, 2003, mimeo.

¹⁵ Idem

KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na investigação da história social. In: *Revista Projeto História*, nº 22, jun/2001, p. 79/103.

MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Orgs.) *Outras Histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: *História oral: desafios para o século XXI*. / Organizadora Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes Verena Alberti. — Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casade Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000. 204p.

THOMPSON, EDWARD PALMER. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, 231 p.

_____. *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sérgio (Orgs.). Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 2001. 286 p.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cul-*

tura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 493 p.

WILLIAMS Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. In *Revista USP* n. 66, julho – agosto 2005 , p. 210-225

_____. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

Artigo recebido em: 21/11/2012

Aprovado para publicação em: 28/12/2012